

Talison, do Recife

Pernambuco, Brasil



Talison, do Recife

© Junta Nacional de Jardines Infantiles (JUNJI)



Pesquisa e texto Marcelo Mendoza
Fotografias Álvaro Hoppe
Edição de Rosario Ferrer
Desenho e diagramação Katherine Olguín
Ilustração Katherine Olguín

Versão original Talison, de Recife
Tradução María Eugenia Llosa

Primeira edição no Chile julho de 2020

Registro de Propiedad Intelectual N° xxxxxx
ISBN: xxxxxxxx

Este livro foi realizado com a colaboração da Fundação Bernard van Leer y TRECC.

© Junta Nacional de Jardines Infantiles
Marchant Pereira 726
Santiago do Chile
www.junji.cl

Impreso en Chile por xxxxxx

Nenhuma parte desta publicação, incluindo o desenho da capa, pode ser reproduzida, transmitida ou armazenada, seja através de procedimentos químicos, eletrônicos ou mecânicos, inclusive fotocópia, sem autorização prévia e por escrito da Junta Nacional de Jardines Infantiles.



Talison, do Recife

Pernambuco, Brasil

Pesquisa e texto de Marcelo Mendoza
Fotografias de Álvaro Hoppe





América
do Sul



Brasil



Pernambuco

RECIFE





Meninos e meninas são iguais sempre e em todo lugar: curiosos, brincalhões, inquietos, afetuosos, entusiastas, originais. Os ambientes onde nasceram e crescem lhes conferem parte de sua identidade e lhes permitem partilhar experiências que são desconhecidas às crianças de outras latitudes.

Conhecer realidades diferentes e valorizar a diversidade que se manifesta nos costumes, no entorno e nas vivências, é a finalidade desta coleção de livros da Junta Nacional de Jardines Infantiles em co-edição com a Fundación Bernard van Leer, chamada *Meninos e Meninas do Mundo*, que por meio de estórias e uma grande variedade de fotografias de diferentes cantos do planeta, convida crianças em idade pré-escolar, suas famílias e educadores a descobrir diferentes modos de vida e de ser menina ou menino.

Rios caudalosos, palafitas, sementes de cacau, animais selvagens, plantas frondosas, danças animadas, ritos ancestrais, viagens de crianças devido à migração dos pais, fazem parte do cenário que mostra a coleção de estórias que busca encantar grandes e pequenos e transmitir a diversidade como valor a respeitar e difundir.

Adriana Gaete Somarriva

Vice-presidenta Executiva

Junta Nacional de Jardines Infantiles (JUNJI)



O mundo de hoje precisa de relatos que nos permitam reconhecer e valorizar a riqueza da diversidade em todas as dimensões. A coleção *Meninos e Meninas do Mundo* da JUNJI é uma maravilhosa ferramenta para compartilhar estórias sobre o convívio harmônico das crianças em diferentes contextos e culturas diversas.

O ser humano precisa de momentos de lazer, de plenitude, de disfrutar o tempo livremente. Essa coleção de estórias é uma oportunidade única para criar esses espaços e gerar conexões mágicas entre educadores e crianças. Esses momentos de relacionamento através dos relatos são fundamentais para o crescimento pessoal, para compartilhar com família e amigos, para fortalecer o convívio na comunidade e para potencializar as capacidades de nossas crianças desde pequenas.

Na Fundação Bernard van Leer acreditamos firmemente que o melhor investimento que podemos fazer é nas meninas e meninos menores de cinco anos. Por isso, trabalhamos ao redor do mundo há sete décadas, em mais de 50 países procurando dar um bom começo para todas as infâncias. Confiamos que no Chile essas estórias permitirão estreitar os laços entre crianças e adultos, além de ajudar a expandir o conhecimento sobre a vida das crianças em diferentes cantos do mundo.

Cecilia Vaca Jones
Diretora de Programas
Fundação Bernard van Leer



-Eu sou Talison, o artista! Tenho 4 anos e quero ser jogador de futebol ou dançarino. Se for jogador de futebol vou ser como o Rivaldo.¹ Se for bailarino, como o meu pai.

¹ Rivaldo foi um grande jogador de futebol nascido no Recife. Figura da seleção brasileira.



–Minha família é de artistas –diz Talison, orgulhoso–. Meu pai se chama Delefon e é dançarino... Esse é o nome artístico dele mas, quando nasceu o chamaram de Luziel. Minha mãe é Tamaris e também é dançarina.

No Recife muitas pessoas, por razões espirituais ou artísticas, escolhem um nome único pelo qual querem ser chamados.



-Tamaris e eu vivemos da dança. É nossa profissão –diz Delefon–. Nós dançamos e dançamos. Já fomos à Europa e à África para dançar. Eu sou um b-boy,² danço *break dance* e danças folclóricas de raízes africanas, capoeira, maracatu, coco... também sou músico. A gente fez um CD com música rap para crianças e ganhamos um prêmio: viajei para Viena e Londres graças a isso.

² B-boy é como se chamam os dançarinos de break dance. Ao som do estilo musical hip hop. É um estilo de dança divertido e muito atlético.



–Eu me dedico às danças tradicionais e sou ativista dos direitos da população afro e dos “favelados” –diz Tamaris–. Minha bisavó e minha tataravó eram escravas: cortadoras de cana de açúcar. Essas são as únicas fotos delas. Tenho orgulho da minha origem.





–Somos habitantes da favela³ *Chão de Estrelas*, nome de uma das músicas mais populares do Brasil –diz Delefon–. Nós moramos aqui, na zona norte do Recife. Ao lado da rodoviária. Aqui aprendemos a respeitar nossa cultura e religião, que vem dos escravos africanos. Aqui moram 10 mil pessoas.

³ Favela é o nome dado aos setores mais pobres nas grandes cidades brasileiras.



-Na família de meus avós tocavam os tambores do candomblé. Nós somos devotos dos elementos da natureza. Fazemos oferendas. Tem “mãe de santo”. Eu sou filha de minha mãe de Santo (Inaya): ela se chama Rosa e é minha guia espiritual –continua contando Tamaris–. Ela é nossa feiticeira. E nós a visitamos para pedir conselhos e descobrir nosso futuro imediato.



-Eu defendo os direitos da população afrodescendente e dos favelados –diz Tamaris–. Por isso nós praticamos o candomblé, que é a religião africana no Brasil, onde a música e a dança movimentam os espíritos. Delefon e eu temos uma companhia de dança. Nós somos descendentes de africanos de Angola, Moçambique e Cabo Verde. No candomblé todos vestem branco.

–Nós tomamos a *jurema*, bebida sagrada que dá sabedoria –diz Rosa, a mãe de Santo.



Delefon explica que em *Chão de Estrelas* tem uma mistura de culturas com raiz profundamente africana.

–Tem vida comunitária e cultural. Pratica-se o maracatu, o xaxado e o frevo, o ritmo típico pernambucano –diz ele.

–Eu gosto de dançar! –exclama Talison.



–Meus país andam de bicicleta ou caminham –diz Talison–. Há poucos carros e muitos cavalos e charretes. Nós só temos bicicleta.





Em Chão de Estrelas tem uma Casa da Cultura. Vilma, sua criadora, conta que lá trabalham com crianças e adolescentes sobre a questão afro-brasileira.

–Tem crianças de 3 a 17 anos –diz Vilma–. Tem espaços de leitura, artes plásticas e dança. Temos um grupo de dança infantil. É uma forma de enfrentar a difícil realidade na favela. Uma resistência e uma sobrevivência. Ninguém financia a gente. Eu sou dona da casa e agora vou ter que vender minha van para mantê-la: tenho que pagar tudo. Mas é minha vida: Tamaris saiu daqui. E toda a família dela. Nós funcionamos com trabalho voluntário. Não existe nada parecido em toda a favela.

Delefon entra na pista. Acompanhado de Okado. Talison olha com os olhos bem abertos: ele se esforça para dançar os difíceis movimentos que eles executam. Os dois querem ensinar a ele.

Delefon cresceu com o amigo Okado. Desde muito pequenos, eles praticaram diariamente diferentes tipos de dança, e participam de uma companhia de dança chamada Grupo PéNoChao. Talison quer dançar como eles.



O pai Delefon explica:

–Eu era um menino como Talison, inquieto e travesso. Um menino de rua. Só fui à escola até à oitava série. Mas um dia conheci a dança e foi quando entendi a vida. Foi minha salvação. Com 11 anos começou minha história. Acho que com o Talison vai ser igual. Conheci a capoeira. Agora vivo de dar aulas de dança na favela *Cidade de Deus*. Viver como artista em Pernambuco é difícil.



Talison gosta dos quadros nas paredes: são os 16 deuses e deusas da religião africana (chamados orixás). Entre ele, Oxalá (deus maior), Oxum (amarela, deusa da beleza), Lemanjá (azul, deusa das águas), Xangô (deus da justiça). Ele os reconhece pela cor. São representantes do candomblé.

–Quando repicam os tambores os deuses chegam e é como se tudo ficasse mais elevado –conta Delefon muito sério.

–Eles falam através da *mãe de Santo* –informa Tamaris.







-Eu gosto de brincar com meu primo Leonardo no porão da casa -diz Talison-. E também com o gato Meia Noite. É como se nós fossemos parte de um filme sobre brincar de esconde.

–Essa é a rua das coisas velhas –diz Talison.

–São oficinas de reciclagem –explica Delefon–. Aqui com uma coisa velha fazem uma nova. O dia todo eles estão criando.

As pessoas da favela quase nunca têm um trabalho fixo –diz Tamaris–. Eles vendem ovos, vendem água. Se sustentam assim. Muitas crianças trabalham. Como um meio de subsistência, tudo é reutilizado ou reciclado.



A água é pouca em *Chão de Estrelas*. Não há água potável nem esgotos. A água para beber deve ser comprada dos vizinhos, porque a dos canais está contaminada e cheira mal.



Como faz muito calor no Recife, pelo menos um dia na semana ele vai à praia de Boa Viagem com seus pais. A água é morninha. E tem tubarões.

–Foi nessa praia onde foi inventado o “futevôlei”: uma mistura entre futebol e vôlei de praia –diz Delefon.

–Aqui tem tubarões! –exclama Talison, como se fosse brincadeira.



Talison sempre quer movimentar o corpo. Com certeza ele herdou essa mobilidade dos pais, mas também das raízes misturadas que há em Pernambuco. O exercício físico faz parte de sua educação.





Tamaris y Delefon acordam às las 5:30 da manhã. O calor tropical faz com que o dia comece cedo. Às 6 e meia Delefon leva Talison ao jardim de infância. Fica bem perto. Buscam ele às 11 e meia, para almoçar. Ele vai desde os três anos.

–Durante o dia estamos em casa. De noite nós dois vamos para o grupo de dança. Talison fica com minha mãe –diz Tamaris–. De tarde, ele fica brincando. Algumas vezes vamos à praia. Temos uma bicicleta em casa. De tarde ele dorme um pouco, mas ele não gosta. O que ele gosta mesmo é que a gente leia pra ele.

-Eu gosto de vir ao jardim de infância: a escola é divertida –dice Talison, en su sala, jugando con legos en compañía de su educador, que se llama Ranieri-. Meus melhores amigos são Carlos, Jai e Ágata.

–Talison é um menino esperto. Ele é bem participativo, brincalhão e com carisma –diz o professor Ranieri-. São dez meninos e meninas com a mesma idade.

–Eu gosto do Capitão América –confessa Talison.



–Eu gosto de Laura, uma de minhas amigas gêmeas –diz Talison.

Laura não escuta essa confissão. Um pouco depois ela diz:

–O Talison é muito divertido.

–É nosso melhor amigo –acrescenta sua irmã.



O Recife é uma cidade industrial e cultural. Poetas como Manuel Bandeira e músicos como Naná Vasconcelos (que tocava berimbau)⁴ e educadores como Paulo Freire nasceram aqui. Embora tudo isso possa parecer muito distante da favela do Talison, na verdade, sem ele saber, em cada viela do *Chão de Estrelas* tem expressões artísticas, colocadas como quem não quer nada.

–Naná Vasconcelos criou uma fundação para crianças no Recife e em Angola –fala Tamaris–. Com a música e a dança, procura-se que as crianças tenham um bom desenvolvimento espiritual. Minha mãe de Santo Rosa trabalhou com ele.

⁴ O berimbau é um instrumento de percussão típico daqui. De origem africana, foi trazido pelos escravos. Ele tem uma corda em arco, é feito com madeira flexível, e um arame, com uma cabaça à maneira de caixa de ressonância. É utilizado para acompanhar a capoeira.





Okado é dançarino de *break dance* e participa de uma competição no centro histórico do Recife (Recife Antigo). É sexta-feira à noite. Homens e mulheres, cada um no seu estilo, fazem passos e piruetas. Talison fica contente, olha o espetáculo e pensa:

–Quando eu for maior eu vou dançar igual a eles.



Domingo quente. Tamaris, Delefon e Talison vão passear no centro histórico de Olinda, cidade vizinha do Recife, perto da favela onde moram. Eles vestem roupas bonitas e coloridas. Lá tem turistas de muitos países. Para eles isso também é turismo. No fundo se vê o horizonte e o mar.

–É Patrimônio da Humanidade –diz Tamaris.

Talison sobe em um dos brinquedos defrente à igreja colonial.

–Antes, os escravos só podiam entrar pela porta do lado

–diz Tamaris.



Caminhando pelas antigas ruas de paralelepípedos de Olinda, eles se deparam com várias surpresas. Casas antigas bem conservadas, com cores que o Talison gosta tanto quanto a camisa que ele veste. Ele cumprimenta um boneco gigante. Caminha dançando ao lado dos pais. Eles visitam as bancas de artesanato. Tomam um suco de goiaba. Começam a falar como se estivessem na televisão.





SAIBA MAIS

CHÃO DE ESTRELAS

(Música de Orestes Barbosa e Sílvio Caldas)

Chão de Estrelas (nome da favela do Talison) é uma célebre seresta, uma música brasileira inspirada nas serenatas. Foi composta por Orestes Barbosa e Sílvio Caldas em 1937. É considerada um dos maiores clássicos da música popular brasileira.



Minha vida era um palco iluminado.
Eu vivia vestido de dourado
palhaço das perdidas ilusões
cheio dos guizos falsos da alegria.
Andei cantando a minha fantasia
entre as palmas febris dos corações.
Meu barracão no morro do salgueiro
tinha o cantar alegre de um viveiro
foste a sonoridade que acabou.
E hoje, quando do sol, a claridade
forra o meu barracão, sinto saudade
da mulher pomba-rola que voou.
Nossas roupas comuns dependuradas
na janela qual bandeiras agitadas

pareciam um estranho festival.
Festa dos nossos trapos coloridos
a mostrar que nos morros mal vestidos
é sempre feriado nacional.
A porta do barraco era sem trinco
mas a lua furando nosso zinco
salpicava de estrelas nosso chão.
Tu pisavas nos astros distraída
sem saber que a ventura desta vida
É a cabrocha, o luar e o violão.

Mi vida era un escenario iluminado.
Yo vivía vestido de dorado
payaso de las ilusiones perdidas
lleno de los cascabeles falsos de la
alegría.
Fui cantando mi fantasía
entre las palmas febriles de los
corazones.
Mi choza en el cerro del sauce
tenía el canto alegre de un vivero
sonoridad que acabó.
Y hoy, cuando del sol, la claridad
cubre mi choza, echo de menos
a la mujer, paloma torcaz que voló.
Nuestras ropas colgadas

en las cuerdas cual banderas agitadas
parecían un extraño festival.
Fiesta de nuestros trapos coloridos
demostrando que en las favelas mal
vestidas
siempre es fiesta nacional.
La puerta de la choza no tenía
cerradura
pero la luna agujereando nuestro
(techo de) zinc
salpicaba de estrellas de nuestro suelo.
Tú pisabas sobre los astros distraída
sin saber que la felicidad de esta vida
es la mulata, la luz de la luna y la
guitarra.



SOBRA UM⁵ (Jogo típico de Pernambuco)

Várias crianças formam um círculo e uma delas fica em pé, fora dele. Cada criança escolhe um nome de fruta. Quem estiver dirigindo o jogo diz: "Fui comer uma salada de frutas na casa do Talison e faltou banana e abacaxi". As crianças que representam essas frutas trocam de lugar.

A criança que ficou em pé tenta sentar no lugar de uma das frutas. Se conseguir, quem sobrou fica em pé aguardando. Quem dirige a brincadeira fala outro nome de fruta e tenta trocar de lugar. Numa hora ele fala: Faltaram todas as frutas! Todas as crianças devem trocar de lugar e quem ficou em pé também tenta uma vaga. Como nessa brincadeira sempre sobra um, quem fica de fora depois dessa troca perde.

⁵ Lúcia Gaspar y Virginia Barbosa, *Jogos infantis populares*, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 2009.

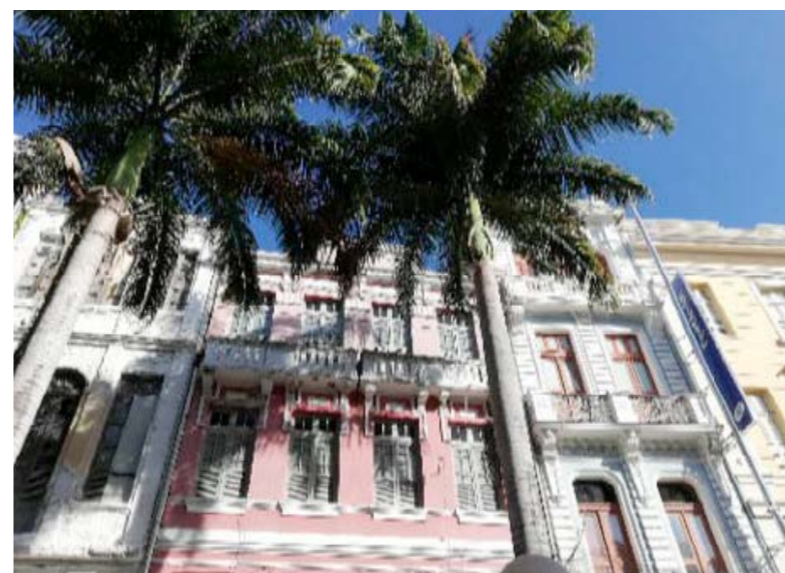
RECIFE, OLINDA E PERNAMBUCO

Recife é uma cidade grande com canais e pontes. Fica no trópico. Lá tem muita cor e faz muito calor. Tem vários edifícios altos junto ao legado arquitetônico e cultural colonial português. É uma região de miscigenação africana, portuguesa, indígena e até holandesa.

Foi uma das primeiras possessões portuguesas no Brasil, em 1537. Foram criados canaviais, com escravos indígenas e africanos. Essa mistura produziu uma riqueza cultural única.

A parte mais antiga e turística fica em Olinda, cidade colada a Recife, onde estão preservadas as igrejas e casas da época colonial. Seu centro histórico é Patrimônio da Humanidade.

Pernambuco é o nome do Estado que inclui Recife e Olinda, no nordeste do Brasil. É caracterizado por uma indústria muito ativa, e por ser um polo cultural que atrai pela música, dança, cinema e poesia.





O CARNAVAL

Igual que no Rio de Janeiro e Salvador da Bahia, os carnavais do Recife e Olinda são o acontecimento mais importante do ano no Estado de Pernambuco. Vários dias de dança e festa lembram a raiz africana que marca o lugar. Realiza-se duas vezes por ano, em outubro e em fevereiro.

O Carnaval de Recife começa com um desfile de abertura do grupo Galo da Madrugada e se estende durante três dias de dança e música sem parar pelas ruas da cidade, partindo da praia de Boa Viagem. No centro, as orquestras tocam frevo e todo mundo dança esse ritmo inventado por escravos negros para celebrar sua liberdade.

O Carnaval de Olinda é o mais bonito do Brasil todo, o mais fiel à origem, e dura 11 dias, misturando as culturas africana e portuguesa. Dança-se frevo, samba e maracatu afro-brasileiro.

COZINHAR EM FAMÍLIA

CUSCUZ COM CHARQUE (Comida preferida de Talison)

Ingredientes

- Cuscuz
- Ovos
- Sal
- Água fria
- Tomate
- Cebola
- Manteiga
- Leite
- Café

Preparo

É feita uma mistura de cuscuz com água fria e um pouco de sal. Coloca-se na cuscuzeira (aparelho especial para fazer cuscuz). Corta-se a charque em fatias finas. Acrescenta-se tomate e cebola à carne, misturando tudo com o cuscuz. Põe-se margarina. E depois dois ovos, mexendo tudo.

Serve-se com café com leite.





Esse livro foi editado e desenhado por **Ediciones de la JUNJI**
e terminou de ser impresso em julho de 2020
nos ateliers de XXXX.

Foi utilizada a família tipográfica Century Gothic para títulos
e textos. No interior foi utilizado o papel couché de 130 grs.
impresso em 4/4 tintas, e para as capas, papel couché de
350 grs. impresso em 4 tintas.



Ediciones de la Junji é fruto do compromisso da Junta Nacional de Jardines Infantiles para gerar conhecimento, criatividade e inovação na educação e infância, e promover, dessa maneira, novos meios para o aprendizado e o debate construtivo.

A série **MENINOS E MENINAS DO MUNDO** reúne as diferenças e as semelhanças da infância e revela a vida das crianças através de seus próprios olhares e vozes.

Relatos e fotografias que dão visibilidade às crianças em seus cotidianos, suas culturas e territórios, antes invisíveis, para compartilhar dentro dos lares, jardins de infância e escolas, com crianças e famílias de todos os lugares da Terra.

